

# Apresentação

Por ocasião do Prêmio Nobel de Literatura, em Estocolmo, Suécia, no ano de 1998, José Saramago, num discurso comovente em que se desarquivou à moda Jacques Derrida, declara que, por intermédio da memória de seu avô Jerónimo Melrinho, pastor, analfabeto, habitante de uma aldeia na província de Ribatejo, entrou em contato com o mundo outro, o da narrativa, do texto, da ficção, da junção de palavras que constitui cada ser... Este arquivo familiar – avós e pais – transformou-se, segundo o autor, em material para a concretização de seu extenso projeto escritural. O escritor uniu os fios de cada uma das narrativas factuais ou ficcionais e (re)escreveu sua própria vida e a dos que conseguem alocar-se para o texto literário, visualizando o seu “eu” como num grande espelho metafórico.

A *Rascunhos Culturais* – Revista de Letras, assim como o conjunto da obra de Saramago, que se formou de letra a letra, palavra a palavra, página a página, livro a livro, vem, a cada nova edição, sorrateiramente, de rascunho a rascunho, ganhando projeção e se fortalecendo no âmbito da pesquisa acadêmica. A cada número posto em circulação, nota-se a acuidade dos trabalhos, dos objetos de investigação, da prática escritural por parte dos que trazem seus textos para congregar este espaço, este arquivo aberto, em que todos os autores/pesquisadores podem contar seu conto, elucidar seu ponto de vista, sua perspectiva acerca dos objetos.

A diversidade temática proposta pela *Rascunhos culturais* confere a esta um rasgo altamente barroco – o excesso, a divergência, a incongruência, a incoerência –, forma um espaço heterogêneo, a *hybris* deleuziana por excelência. Desde a primeira publicação da Revista em 2010, a proposta feita na *Apresentação* de lançamento valia-se da abrangência de temáticas, assim, os temas propostos vão desde as produções hollywoodianas às práticas discursivas das profissionais do sexo na cidade de Coxim/MS, na primeira edição; do gênero confessional disposto no site de relacionamento Orkut ao teatro rodrigueano, na segunda edição; da escritura biográfica de Clarice Lispector à chanchada cinematográfica, na terceira edição; do desarquivar da memória de Glaucete Rocha ao projeto escritural de Manoel de Barros, na quarta edição; da poética da escritora Raquel Naveira às reflexões sobre gênero no romance *Their eyes were watching God*, na quinta edição.

Nesta sexta edição a efervescência de temáticas ganha fôlego com artigos como “Um passeio pelos bosques ficcionais de Antonio Tabucchi”, de Cátia Inês Negrão Berlim de Andrade. Nele, a autora destaca o modo operacional da escritura do autor italiano enfatizando sua preocupação em fazer da literatura um local híbrido que acomoda o discurso histórico e literário. A estrutura sinuosa da língua, constituída de um lado, a partir da objetividade da construção lógica da materialidade e, por outro, da subjetividade que se (des)constrói pelo e no funcionamento discursivo desenvolvido sobre essa mesma materialidade e, conseqüentemente, as ambigüidades que se instauram nos encaixes e articulações das partes sintagmáticas da língua, são discutidas por Ismael Ferreira-Rosa em “Relações de explicação e determinação: uma discussão teórica sobre a objetividade e a subjetividade”. Em “Notas sobre a intertextualidade no gênero fantástico”, Ana Carolina Bianco Amaral apresenta as arquiteturas da *literatura fantástica* a partir da análise de diferentes obras que compõem o gênero literário em questão. Ademais, a autora busca outra vertente de reflexão da literatura fantástica: um enfoque sobre a atuação

da intertextualidade enquanto elemento fundamental para a construção desta modalidade literária. A tradição imagética que se faz presente nas representações do Holocausto e a problemática relação entre realidade e ficção disposta nestas obras constroem as reflexões de Larissa Silva Nascimento Michelle Santos no artigo “A realidade da ficção: imagens e testemunhos em , de Art Spiegelman, e em os *Emigrantes*, de W.G. Sebald”. O artigo dos autores Vitale Joanoni Neto e Beatriz dos Santos de Oliveira Feitosa, “Entre o ‘atraso’ e o ‘progresso’: reflexões acerca da ocupação do Brasil central”, aborda, no curso da historiográfica brasileira, os projetos de ocupações territoriais que passam pelos discursos da figura do “bandeirante” e do “pioneiro”. Esta prática reflexiva (re) constrói determinadas falas cristalizadas da historiografia e alerta para as ações de exclusão e perda de espaço a que uma parcela significativa da população foi submetida. O texto “Ensino das histórias e culturas africanas e afro-brasileiras: uma reflexão da Lei 10.639/2003”, de Cíntia Nolácio de Almeida, busca compreender os efeitos suscitados na formação da educação brasileira a partir da marginalização e do silenciamento do ensino das culturas e histórias africanas e afrobrasileiras. Ademais, o texto reflete acerca das mudanças e/ou permanências no trato da diversidade racial na educação escolar a partir da criação da Lei 10.639/2003, ressaltando algumas problemáticas que limitam a consubstanciação da Lei no cotidiano educacional. Em “As crônicas femininas de Clarice Lispector”, Willian Rolão Borges da Silva e Edgar César Nolasco, traçam uma minuciosa análise da produção jornalística de Clarice Lispector, em especial, dos textos voltados às dicas de beleza, moda, comportamento e receitas caseiras. Assinadas por diferentes pseudônimos, as crônicas mostram a construção da imagem feminina feita por Clarice e permite aos autores analisá-las a partir da crítica biográfica. A relação de interface entre a Análise do Discurso, os Estudos Culturais e os Estudos de Gênero é proposta por Éderson Luís da Silveira e Áquelle Miranda Schneider Duarte em “O discurso e as (des) indentificações: reflexões acerca do feminismo e as vozes de resistência na atualidade”. O referido diálogo

teórico busca refletir sobre as produções de sentidos geradas a partir da (des)construção da imagem da mulher dentro de uma sociedade patriarcal. O artigo “O uivo e o relinchar nos folhetins gráficos: o folclore na indústria cultural brasileira”, de Bruno Silva de Oliveira e Alexander Meireles da Silva, demonstra como um mesmo produto cultural pode sofrer diferentes transformações quando veiculado a novos suportes e (re)construídos em tempos diversos. Esta reflexão é realizada a partir da leitura comparativa do mito do lobisomem e da mula sem cabeça no livro *O Saci* (1921), de Monteiro Lobato e nas histórias em quadrinhos homônimas de Maurício de Sousa. Veridiana Mazon Barbosa da Silva e Alexander Meireles da Silva, autores do artigo “Caio Fernando Abreu e as identidades pós-modernas em *Terça-feira Gorda* e *Aqueles dois*”, destacam a construção do trabalho escritural de Caio Fernando Abreu e analisam o modo como o autor (re)constrói processos de marginalização empreendidos por uma parte da sociedade denominada de conservadora no que tange à homossexualidade. Em “Crítica Biográfica e amizade: para além da metáfora familiar”, Francine Rojas e Edgar César Nolasco, elucidam, a partir da teoria da crítica biográfica, os efeitos de sentidos gerados em determinadas produções culturais por intermédio da metáfora da amizade. No artigo “Uma infância revivida em Zila Mamede: uma leitura do poema *Milharais*”, Andréia Maria da Silva Lopes e Hadoock Ezequiel Araújo de Medeiros analisam os mecanismos estruturais utilizados pela poetisa na composição do elemento da recordação. O ato mnemônico instaurado no texto lírico em questão apresenta diferentes transfigurações da realidade e, conseqüentemente, outros sentidos são atribuídos ao recorte do pretérito. Tiago de Jesus Vieira, em “Rasgando no ar: (re)pensando a produção do conhecimento histórico através de *Corra Lola, corra*”, estabelece alguns aspectos da produção do conhecimento histórico, sobretudo no que tange às questões relativas à narrativa e ao acontecimento. Para percorrer tal propósito, o autor, a partir do texto imagético *Corra Lola, corra*, realiza uma digressão com o debate atual convencionalmente chamado de “crise da História”.

Conforme se observa, as temáticas são variegadas e abarcam diversas áreas do conhecimento, onde autores de diferentes instituições do país e do exterior *Rascunham* suas pesquisas, projetos, indagações, com o intuito de formar uma irmandade intelectual unida aos fios de uma narrativa que põe em evidência o objeto de desejo (de investigação) de cada um.

Se Sírio Possenti tem razão ao afirmar que a leitura errada existe e Umberto Eco ao propor o não-escancaramento da obra, é possível pensar, portanto, que as proposições, principalmente no hodierno, são passíveis de fragilidade, efemeridade e transitoriedade. Nesse sentido, a *Rascunhos Culturais* vale-se das “verdades” construídas num tempo e espaço com prazo de validade, da polifonia, das perspectivações, ou como sugere o narrador Antônio: “Eu também tenho as minhas contradições, aprendi nas viagens [escriturais] que os rumos são sempre incertos, afirmar uma coisa não é desdizer o seu contrário”<sup>1</sup>. A Revista caminha como o personagem-narrador em direção ao horizonte da busca apaixonante e interminável no que diz respeito à construção do conhecimento.

Como em José Saramago: de escritura a escritura, de texto a texto, de ensaio a ensaio, de artigo a artigo, de rascunho a rascunho, a *Rascunhos Culturais* vem construindo-se na cena acadêmica.

*Rascunhemos!*

Flávio Adriano Nantes Nunes  
Geovana Quinalha de Oliveira

---

<sup>1</sup> LEVY. Tatiana Salem. *Dois rios*, São Paulo: Ed. Record, 2011.